

Briga de lavrador com índio retrata a Amazônia de hoje

João Baptista de Freitas

Boca do Acre (AM) — O último dos velhos de uma pequena tribo de índios apuriná, que vive numa área em frente ao centro da cidade de Boca do Acre, chega à margem direita do rio Purus, no ponto onde termina uma rua e mostra, do outro lado, terras que afirma pertencerem ao seu povo, hoje ocupadas por brancos. Do mesmo local pode-se avistar o lugar em que um jovem apuriná matou, há dois meses, um posseiro. Um tipo de incidente não muito raro na região, mas que desta vez quase degenerou em conflito de proporções bem sérias.

Na sede do sindicato rural que preside, Manoel Pereira Mendes, 61 anos, diz que não sabe a quem poderia beneficiar uma luta entre posseiros e índios. Para ele, os dois lados, "que já são pobres, possivelmente sairiam mais miseráveis ainda". Em sua mesa, um pano preto simboliza o sinal de luto pela morte do lavrador. Manoel afirma que o pano permanecerá ali "até ser feita justiça, pois é preciso que a Justiça tome parte dessas coisas".

DEFINIÇÃO

Na cidade de Boca do Acre, os mais antigos sabem que Alfredo, o único velho do grupo Apuriná de Terra Firme, área à margem esquerda do Purus, jamais foi de violência. Hoje, após ter visto o pai "morrer de bala" e presença o fim de parentes e amigos em situações também tristes, mais do que nunca Alfredo abomina a briga. Mas não abre mão dos direitos de sua gente. Manoel, o líder sindical, garante não desejar a luta. No entanto, os desentendimentos se repetem ao longo dos anos e hoje eles concordam num ponto: a harmonia entre lavradores e índios não depende apenas das duas partes. Entendem que a palavra final, que não lhes pertence, precisa ser dada o mais rápido possível.

— Alguém poderá dizer que aqui em Boca do Acre voltou a reinar a paz, que está tudo sob controle. Tudo não passa de aparências. A guerra aqui é fria e fela, com ligeiros esquentamentos. E não é só de índios e brancos. Nós, os pequenos lavradores, estamos no sufoco, esperamos há anos por uma terra que não vem — comenta o presidente do sindicato rural do município.

De fato, com terras férteis onde dá até café e problemas fundiários ainda por serem solucionados, Boca do Acre é o retrato três-por-quatro do que começa a acontecer em diversos pontos da Amazônia, numa repetição do que já ocorreu em outras partes do Brasil. Os ingredientes são os mesmos: grileiros, posseiros, fazendeiros e índios.

O INCRA e a Funai estão em Boca do Acre há alguns anos, mas posseiros e índios se dizem cansados de esperar, pedem uma solução rápida. O presidente do sindicato rural afirma que a entidade tem cerca de 1 mil 500 associados, todos sem situação definida, cultivando a terra sem tranquilidade. Há tempos, em meio a uma onda de descontentamento, 400 deles acamparam em frente ao INCRA de Boca do Acre — determinados a "só arredarem pé depois de garantirem uma solução para seus casos". Manoel conta como foi:

— Quem tinha barraca arrou e dormiu coberto, quem não tinha ficou mesmo ao relento. A comida, nós fizemos na rua. Logo apareceram autoridades de fora com a promessa de que em 30 dias teríamos uma solução. Desde então, já se passaram 12 meses e tudo continua como antes. Hoje, o que nós mais queremos é uma decisão: ou pau ou pedra, mas que se definam as coisas.

CRESCIMENTO

Isolada de Manaus (a Capital do Estado a que pertence) mas perto de Rio Branco (Capital do Estado vizinho), Boca do Acre apresenta um quadro surpreendente, para uma cidade da Amazônia. Enquanto quase ninguém acredita que na região seja possível desenvolver bem uma lavoura de café, o município conta com mais de 500 mil pés da espécie. Técnicos rurais garantem que o produto é de excelente qualidade — os cafezais não demonstraram até o momento sinais de doenças.

Além disso, Boca do Acre é responsável por 50% da produção de arroz do Amazonas e sua pecuária de corte é a maior do Estado. Borracha e castanha, a cidade tem em grandes quantidades. O Prefeito Waldir Ávila não esconde seu orgulho ao revelar que o município é auto-suficiente em quase todos os produtos agrícolas básicos e dá-se ao luxo de exportar excedentes para outras cidades, além de abastecer Rio Branco de peixe.

Como o nome indica, Boca do Acre fica no ponto onde o rio Acre deságua no Purus. A cidade cresceu ao longo de um trecho da margem esquerda do afluente do Solimões. Hoje, sua sede administrativa está sendo transferida para uma área distante das águas, em decorrência da ameaça de inundações. Do outro lado do Purus, no lugar chamado Terra Firme, cerca de 120 apurinás, índios de baixa estatura, plantam mandioca, fazem farinha, extraem látex e colhem castanhas na mesma área em que seus avós e antecessores mais antigos viviam. Quem garante isso é Alfredo, 63 anos, o único velho do grupo, genro de Zé Pequeno, o último tuxaua (chefe) da tribo.

Pela idade, experiência e condição de genro de Zé Pequeno, que morreu há 10 anos, Alfredo era para ser mais ouvido, mas ele mesmo reconhece que os apurinás de Terra Firme não querem mais ser liderados: "Gostam de decidir cada qual por si". O velho recorda o tempo em que "Boca do Acre não passava de três casas construídas em frente à boca do rio Acre", época em que "a pressão dos brancos" nem de longe era como agora. Sabe o nome dos primeiros fazendeiros que invadiram as terras dos apurinás e não esquece as áreas que, durante a fixação dos limites da reserva, há seis anos, ficaram fora dos domínios dos índios.

— Perdemos seringa e castanhas em troca de áreas onde só tem açaí e outras palmeiras que de nada servem para nós. E também locais sagrados, como cemitérios.

PRECONCEITOS

Há três anos, a Funai determinou novas medições. Alfredo diz que os apurinás conseguiram mostrar o que realmente era deles, mas até hoje não saiu nenhuma definição. Seu medo maior é a demora, que pode continuar provocando desentendimentos. Ele não lidera os jovens, mas fala sobre os direitos que entende ter seu povo. Na cidade, ele é benquisto, numa esquina conversa com um amigo, na outra é chamado de compadre. Num dos açougues do mercado municipal, o dono é neto de uma apuriná. Aparentemente, nem Alfredo nem os demais índios sofrem problemas de preconceitos. Mas uma de suas filhas que raramente vem à cidade conta que sentiu diferença de tratamento ao procurar atendimento em um hospital.

Devido às zombarias dos brancos, que mangam dos índios por qualquer coisa, os Apurinás têm o cuidado de só ir à cidade de roupas limpas, bem arrumados. Costumes como o de furar os lábios e orelhas foram abandonados há tempos, para evitar as observações debochadas. No íntimo, a meta de muitos é se igualar aos habitantes do lugar. Ao longo do relacionamento com os brancos, os Apurinás adquiriram uma dependência da cidade da qual não conseguem livrar-se, apesar de na reserva existir um posto da Funai onde podem trocar determinadas mercadorias.

Até as festas da tribo se foram tomando raras e hoje o único que ainda sabe as velhas canções dos Apurinás é Alfredo, que se esforça para que os netos aprendam a língua de seu povo. Alfredo diz que, se há festa, o máximo que os jovens conseguem fazer é repetir são alguns trechos, palavras curtas, o resto mesmo é ele quem puxa. À margem do Purus, perto de um barranco, entoa baixinho uma canção que fala de tremores da terra, do sol e de bichos.

Assim como o grupo viu morrer, há 10 anos, seu último tuxaua, há dois anos todos presenciaram o fim de outra figura importante da tribo, Antônio Comprido, o derradeiro pajé dos Apurinás de Terra Firme. O pajé morreu de velhice e acabou levando para o túmulo o segredo das ervas medicinais e o sagrado poder de determinadas plantas. Hoje, mais do que nunca, o apuriná, para se curar de algum mal, tem que recorrer aos remédios industrializados. E neste aspecto até que não estão totalmente desprotegidos: contam com a presença de um enfermeiro da Funai ou, se for o caso, podem recorrer à farmácia Paraná, bem no centro de Boca do Acre.

ILUSÃO

De uns anos para cá, Boca do Acre, que em 87 tinha cinco veículos registrados na Prefeitura, às vezes fica com a avenida principal dominada por carros. Suas casas e sobrados de madeira mostram telhados e fachadas marcados pela poeira. Em quase tudo, até na presença, nas ruas de gente de rosto e cabelos mais claros, o lugar lembra as pequenas cidades da época de colonização do Paraná. Pela estrada que liga Boca do Acre a Rio Branco — durante seis meses do ano intransitável devido às chuvas — chegam ônibus com pessoas de fora, um processo iniciado há seis ou sete anos.

Foi por essa mesma estrada, então inaugurada há pouco tempo, que João Luís de Queirós, 58 anos, mineiro de Montes Claros e ex-soldado da borracha, entrou com a família em Boca do Acre em um caminhão frotado com 100 volumes de mantimentos e objetos de uso pessoal. Hoje, recorda que tinha a cabeça cheia de planos e no bolso um pacote de dinheiro conseguido com a venda de um sítio em Mato Grosso, onde viveu 10 anos.

— Comprei 200 alqueires de terra. O INCRA chegou e considerou as terras devolutas, pois não havia nenhum documento comprovando serem elas de propriedade particular. Perdi a minha e até hoje não recebi outra. Aqui, falo com a experiência de todos esses anos, em matéria de terras a chave não trança nem destranca. Ficar nisso não agüento mais. Vou me embora antes de ficar pancado da Idéia.

Moacir Diogo, 62 anos, nascido em Boca do Acre, também tem seu drama para contar: "Meu irmão tomou-me, na esportezza, as terras deixadas por nosso pai. A valorização de Boca do Acre despertou a ganância em muita gente."